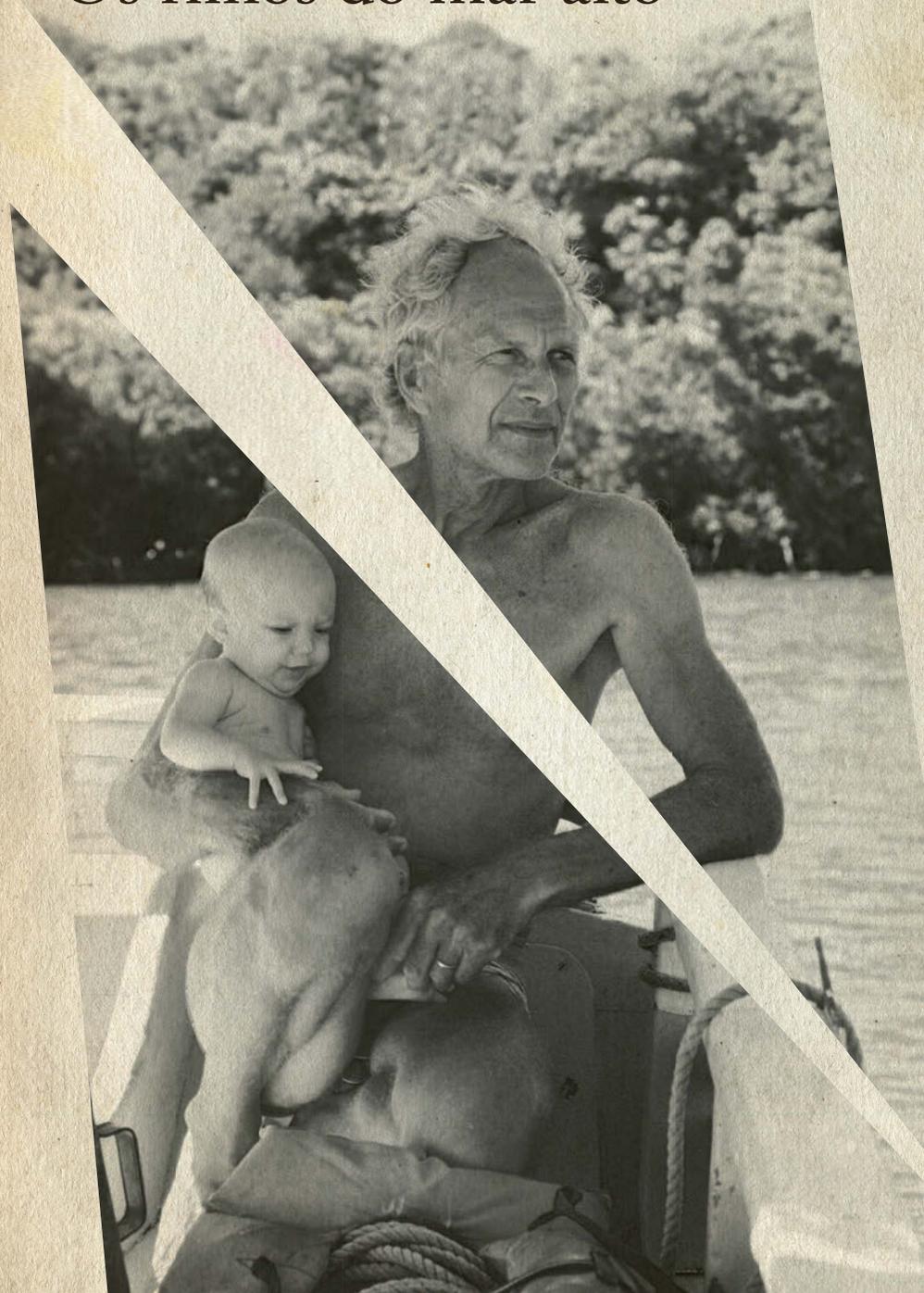


ALFAGUARA

Virginia Tangvald

Os filhos do mar alto



Tradução de Inês Fraga

Capítulo 1

Bonaire, lado leste da ilha, julho de 1991

Um caranguejo azul, viscoso e luzidio, instalado nas rochas. As crianças vêem-no, aproximam-se lentamente. São três. O coral corta como um punhal. Basta roçar nele ao de leve para se sangrar. Tentam não se cortar. Há muito que o coral está morto; os esqueletos brancos e quebradiços, de braços erguidos para o céu como se não soubessem que morreram. Estalam sob os pés das crianças, os estilhaços rolando em cascatas com tinidos de relógio. O caranguejo esgueira-se e desaparece por entre as fendas.

Os risos das crianças mesclam-se com o vento. Elas têm a pele húmida e os lábios salgados. A bruma permanece suspensa no ar, imóvel e cintilante ao sol, entre cada onda que se desfaz na costa. As crianças não têm consciência do calor, de tal forma o vento

é incessante. Se não tiverem cuidado, acabarão por apanhar uma insolação.

Os ventos alísios, quentes e prenes de sal, chegam de longe. Ouvem-se os seus bramidos ao largo, lembrando um nimbo inquietante. Atravessaram o Atlântico e derramam-se sobre a ilha numa torrente contínua e poderosa. Devoram tudo à sua passagem. As crianças gritam para se fazerem ouvir, mas o vento leva tudo com ele; as palavras, e até os pensamentos.

Foram perder-se no lado leste da ilha, selvagem e hostil. As árvores só conseguem ali sobreviver rastejando. O litoral encontra-se cravejado de detritos vindos do alto-mar; dão ali à costa tampas de garrafas, sapatos, madeira flutuante, bugigangas.

A costa é tão plana como a noite e confunde-se com o oceano. Muitos foram os barcos que ali naufragaram antes da construção do farol. Conta certa lenda que as sereias atraíam os navios para aquelas águas traiçoeiras, a fim de que os habitantes pudessem sobreviver da pilhagem dos destroços esventrados na praia.

Os caranguejos desapareceram. As crianças prosseguem a caminhada, dando pontapés nos objetos dispersos. De repente, avistam uma luz branca na água cristalina: uma silhueta foi apanhada entre os recifes. Correm para lá. O oceano trouxe-lhes algo.

Um vestido azul polvilhado de folhos deixa-se manusear sem resistência. Um corpo flutua, um corpo pequenino de uma alvura luminosa, salpicado de

musgo. Já não tem cabelos. Já não tem rosto. As crianças fogem precipitadamente, desvairadas.

É o corpo da minha irmã, Carmen.

*

Já só faltava ela. O corpo do nosso pai tinha sido descoberto na manhã do naufrágio, três dias antes. O meu irmão, Thomas, era o único sobrevivente.

Foi a mulher do fazendeiro que chamou a Polícia. Ao anoitecer, o marido fora surpreendido no pátio por um adolescente nu e ensanguentado. Procurava «os outros». Já tinham chegado?

Haviam naufragado durante a noite. Uma noite sem lua. O rapaz tivera de esperar pelo crepúsculo na água escura, mergulhado na mais completa obscuridade. Aos primeiros raios da madrugada, escalara o muro de coral e atravessara, descalço, a planície desértica e coberta de catos, na direção da única casa visível da costa. Trazia todo o corpo em ferida.

O fazendeiro sentara-o numa cadeira de baloiço e trouxera-lhe um café quente e uma manta. Só o deixara sozinho durante o tempo de lhe ir buscar roupas ao andar de cima e acordar a mulher. Quando desceram, o rapaz oscilava, o olhar fixo no vazio. Já estava calmo, terrivelmente calmo. Lembrava um anjo ferido, com os seus cabelos loiros encaracolados, os traços delicados, como os de uma rapariga, e os olhos azuis.

O fazendeiro paralisara ante a visão daquela criança. Não sabia que mais fazer para lá de observar, de pé, dividido entre a piedade e o assombro, enquanto a mulher ligava para as urgências.

Ela tinha tentado, o melhor que conseguira, unir as peças da história narrada pela criança. Havia dois barcos. No primeiro, seguia o pai e a irmã, e no segundo ia ele. Algo não correrá bem. Talvez o farol não estivesse a funcionar. Talvez o pai se tivesse sentido mal. Os barcos embateram contra os recifes. Ele estava à procura da irmã e do pai.

Quando vieram buscar a criança, o fazendeiro foi ver o que restava do barco nos recifes. Um barco de quarenta e cinco pés, em madeira, desfeito em pedacinhos. Havia vestígios de sangue na areia por onde o rapaz caminhará. Aqui e ali, avistavam-se roupas, um tacho, um relógio marítimo. Encontrará mais tarde uma sandália branca de criança e uma de homem, em pele castanha. Nunca saberá porquê, mas haverá de as trazer consigo maquinalmente e de as pregar numa viga à entrada da despensa, ao fundo do jardim.

Trinta anos depois, descobrirei, pasmada, as sandálias pregadas nessa viga, devoradas pela maresia e pelo tempo. Uma imagem de horror, que me surgiu como uma ameaça: «Não entres aqui. Não entres nesta história. A morte regressa.»

*

Mrs. Elizabeth Moore
Embaixada dos Estados Unidos
Prefeitura de Bonaire

Segunda-feira, 29 de julho, 1991

Estimada embaixatriz,

Escrevo-lhe a propósito de uma tragédia recém-ocorrida em Bonaire e que envolve uma família a viver a bordo de dois barcos que acabaram de naufragar na nossa costa.

Segundo o testemunho de Thomas Tangvald, único sobrevivente dos naufrágios, a bordo do primeiro barco, com o nome Ártemis de Píteas, encontravam-se o pai e a irmã. Thomas Tangvald estava no seu próprio barco, puxado pelo Ártemis de Píteas com a ajuda de uma corda.

As duas embarcações ficaram completamente destruídas. Não existem documentos passíveis de permitir a identificação dos corpos encontrados. Só Thomas Tangvald os conseguiu identificar formalmente como sendo de Per Tangvald (que também dá pelo nome de Peter e Pierre), nascido em Oslo, em 1924, e da sua filha, Carmen Tangvald, nascida na Horta, em 1983. Per Tangvald obteve a nacionalidade norte-americana quando viveu nos Estados Unidos, nos anos 1950.

Thomas Tangvald, com apenas quinze anos, encontra-se em estado de choque. Permanece no hospital,

em virtude de se desconhecer a que autoridade poderá ser remetido. Declara ter nascido no oceano Índico. A sua mãe, Lydia Balta, nascida no mar, na Nova Caledónia, em 1953, também morreu, à semelhança do que ocorreu com a mãe de Carmen, Ann Ho Chau, nascida na Malásia em 1946.

De momento, procuramos a última mulher de Per, Florence Tangvald, nascida na Bélgica, em 1967, e a filha de ambos, Virginia Tangvald, nascida no mar das Antilhas, em 1986. O casal separou-se e já não contactava há vários anos. Thomas não sabe onde elas estarão atualmente.

Parece não ter mais família. Transmitiu-nos, todavia, dois contactos, aos quais temos tentado ligar desde então.

O de Simonne Tangvald, uma ex-mulher do pai, bem como o do amigo Edward Allcard e respetiva esposa, Clare Allcard.

Pedimos-lhe ajuda no que toca a identificar e criar um passaporte americano para Thomas Tangvald, na qualidade de filho de um indivíduo com nacionalidade americana.

*Grato,
O prefeito.*

*

A história do naufrágio, e do jovem órfão que sobrevivera, rapidamente se espalhou na ilha e perturbou os habitantes. Todos os dias, dezenas de pessoas caminhavam ao longo da costa, na esperança de reunir tudo o que restasse do *Ártemis* para devolver a Thomas quando este saísse do hospital.

Perguntavam-se o que fariam eles naquele lado da ilha na estação dos ciclones. O acidente era inexplicável. No entanto, Peter conhecia bem o local. Navegara ali amiúde. Havia quem se lembrasse daquela família nómada que ancorava sempre ao longe. Haviam feito diversas vezes a volta ao mundo, até ao dia em que o mapa-múndi se fechara sobre eles. Já não havia mais terras para descobrir. Só lhes restava errar de porto em porto. O pai era taciturno. Remava até ao cais para fazer compras e passar pelos Correios, partindo depois sem se demorar. A população lembrava-se mais da pequenina, Carmen, cuja silhueta frágil vislumbravam a dançar na ponte.

Porque é que Peter seguira por uma rota tão perigosa? Houve quem pensasse em suicídio. Outros chegaram a questionar se não fora o miúdo a matá-los. Não haveria autópsia para o pai. Era impossível, tendo em conta o estado em que o corpo fora encontrado; de costas, empalado pelos corais, a cabeça esmagada. A única certeza é que a pequena morrera afogada. Tinha água nos pulmões.

*

No hospital, num canto do quarto de Thomas, amontoavam-se alguns objetos da sua vida a bordo; uma caixa hermética com diapositivos, uma vigia, uma carteirinha vermelha de criança... os habitantes deixavam-nos na receção, na esperança de vislumbra-rem o rapaz pela porta do quarto.

Ele tinha um ar astral que tornava difícil deter- minar-lhe a idade. Magro e ágil, os seus traços finos expressavam por vezes um desregramento, uma ino- cência ou um estado contemplativo que não pare- ciam típicos da sua idade. No entanto, a contragosto, os auxiliares médicos sentiam uma ameaça difusa sempre que estavam na sua presença. Uma impres- são estranha que tentavam afastar desde logo ante aquela criança vinda de nenhures e que dera à costa aos seus pés.

Ele começara por desenhar. Um barco, ondas, recifes. Uma enfermeira tivera a ideia de lhe trazer papel e lápis. Mais tarde, pedacinho após pedacinho, Thomas começara a contar aquela noite. Falava de uma noite sem lua, de obscuridade total. De um céu negro como um veludo infinito sobre a sua cabeça. Viera até à ponte no momento em que tinha sentido as ondas aumentar e vira ao longe a terrível linha branca formada pela espuma das vagas contra uma costa invisível. Não percebia por que razão o pai não

mudava de rota. O *Ártemis* continuava a seguir em frente, inexoravelmente. Vislumbrara o pai na ponte, iluminando a água em seu redor com o auxílio de uma lanterna, antes de desaparecer no porão pela última vez.

Quando vira o barco do pai esmagar-se e ouvira o barulho ensurdecedor da madeira a rachar, lançara-se à água com a sua prancha de *windsurf*. Ao primeiro impacto, o mastro grande partiu-se ao meio. A corda esticada que ligava a embarcação do pai à sua relaxou de súbito. Flutuando na água gelada, observara o mar aspirar a carcaça do barco e lançá-la contra os recifes, fazendo ecoar o sinistro ranger da madeira. Cada onda reiterava aquele tema. Ouvia a irmã gritar sobre o tumulto informe. Sabia que ela estava fechada na cabina da proa. Quando os gritos haviam cessado, ele compreendera que a cabina se abrira e enchera de água. Só ele restava nas ondas negras e indiferentes. Até a Lua e as estrelas, que toda a vida o haviam acompanhado, o tinham abandonado naquela noite.

De momento, dorme. As lacerações começam a cicatrizar. Dorme profundamente, apesar da luz macilenta dos néones e do zumbido das máquinas do hospital.

*

Clare veio buscar Thomas quando as autoridades a contactaram na qualidade de amiga de Peter. Estuda o rapaz pelo retrovisor. O rosto não transpara qualquer emoção e a cabeça bamboleia ao sabor da estrada amarela e poeirenta.

Os terrenos baldios e os campos de tiro sucedem-se infinitamente entre a aldeia e o litoral. Catos gigantes orlam o caminho como mãos de esqueletos que brotassem do solo e implorassem ao Céu. Foi o caminho que Thomas fez quando caminhou até à quinta. Lembra-se do som do vento que se enfiava por entre os espinhos dos catos, qual serpente pesada e invisível.

Depois de uma última curva, a costa aparece de súbito. Um portal para o inferno, pensa Clare, ao sair do automóvel. Nunca viu um recife tão medonho.

Thomas avança diante dela. No litoral, já não é a criança celestial que ela começou por ver nele. Move-se como um cão de caça nervoso que farejasse um animal. Sabe exatamente para onde ir. As rochas desfazem-se como calcário sob os seus pés. Ele não presta atenção às carcaças nacaradas de asnos-selvagens-africanos, purificadas pelo sol e pelos abutres que pontuam o espaço que separa a estrada do mar. À medida que avançam, as vagas vão-se tornando ensurdecedoras.

O mar desfaz-se uma e outra vez nos recifes, indiferente, repetitivo como uma cantilena infantil.

Ele encontra os salvados, que não passam de alguns pedaços de madeira dispersos, flutuando nas crateras profundas e luzidias do coral. Pega em alguns desses pedaços, examinando-os nas palmas das mãos antes de os atirar pelos ares. Permanece sempre terrivelmente calmo.

*

A minha mãe rasgava as cartas do meu pai à medida que as ia recebendo. Os pedaços de papel juncavam o chão, asas brancas e frágeis que se diria terem sido arrancadas a borboletas. Chorava, enrolada sobre si própria, hirta e crispada. Com os seus longos cabelos escuros caindo-lhe em cascata, lembrava uma fonte triste. Eu sabia que algo se passava, mas desconhecia o quê. Tinha a sensação de que ela se petrificaria de dor e chamava-a em pânico. As minhas mãozinhas frenéticas procuravam-lhe no corpo uma brecha por onde eu a pudesse desenovelar, mas ela não me ouvia. Queria tomá-la nos meus braços, pousar-lhe o rosto entre as minhas mãos. Acabava por me ir deitar no armário, com a porta fechada. Não sei se seria em virtude do silêncio, se da obscuridade perfeita, se da falta de oxigénio, mas a verdade é que conseguia esquecer-me de que estava ali.

Quando ela saía do transe, enfiava os pedaços da carta numa mala de pele azul, que arrumava debaixo

da cama, e agia como se nada se tivesse passado. Mais tarde, sem que ela o soubesse, eu tirava os papéis da mala para ver a caligrafia do meu pai e os desenhos da minha irmã no verso. Um deles mostrava uma figura manchada de vermelho, os cabelos como uma bola de sangue, e uma outra no lugar do ventre. «A mamã com um bebé na barriga.» O meu pai pedia-nos que voltássemos. Não suportava que alguém lhe tivesse escapado.

A minha mãe deixara-o da noite para o dia, sem o prevenir. Em 1988, telefonara à sua própria mãe de uma cabina pública em Porto Rico, pedindo-lhe que lhe comprasse um bilhete de avião, e entrara no primeiro voo rumo a Toronto para ir ter com ela. Mal chegámos, enviara uma carta ao meu pai. Não gostava daquela cidade. Repetia que partiria em breve, quando descobrisse onde lhe agradaria viver e o que tencionava fazer da vida. Tinha vinte e dois anos. As cartas do meu pai acabaram por terminar.

Ela telefonara então para todos os portos ao longo da costa. Conseguiu entrar em contacto com Simonne, uma ex-mulher do meu pai com quem ele continuava a relacionar-se, mas esta fingira não saber onde eles se encontravam.

Certa noite, a minha mãe levou-me a um restaurante cujas paredes estavam cobertas de veludo

vermelho. Observava-me os mais ínfimos gestos, tentando adivinhar o que me agradaria e propondo-me leite ou limonada. Explicou-me que tinha ocorrido um naufrágio e que o meu pai e a minha irmã estavam mortos desde o ano anterior. Uma amiga ficara a par ao ler um artigo publicado numa revista dedicada à navegação à vela, entre uma receita de pudim flã e a publicidade a um batom.

Até então, tinha existido sempre um lugar dentro de mim, uma ilha tropical onde o resto da minha família me aguardava e onde o vento era sempre quente. Um espaço que me permitia imaginar que só estava de passagem pelos arrabaldes de Toronto. Disse à minha mãe que sempre acreditara que os reveria um dia. Ouvi-lhe o coração partir-se. Perguntou-me se queria ir à casa de banho chorar.

Enquanto me dirigia para os lavabos, contemplei as pessoas que jantavam perto de nós rindo-se à luz das velas. Nunca faria parte desse mundo. Passei pelas estátuas de gnomos que decoravam o restaurante, os rostos deformados por risos grotescos. Tinham a altura de uma criança. A minha altura.

Estávamos ali, definitivamente.

Disseram-me que não se sabia o que lhes acontecera. Que a tragédia era incompreensível. Que o meu pai teria cometido algum erro de cálculo. Que o barco naufragara e que Thomas sobrevivera ao trepar o mastro. Que vogara sozinho no mar e fora

Uma história de família mais impressionante do que um livro de aventuras — uma epopeia inaudita e comovente que abalou livreiros, críticos e leitores.

«Decidira riscar o passado [...]. Construíra-me à sombra do meu pai e do mistério que o rodeava. Porém, aquele canto de sereia, sublime e luminoso, revelava-se mortífero e capaz de me engolir para todo o sempre.»

Virginia nasceu no mar alto, a bordo de um veleiro construído pelo navegador Peter Tangvald. Este navegador era o seu pai, mas ela apenas viria a conhecê-lo através dos livros que ele publicou e das reportagens que protagonizou: Virginia era ainda bebé quando a sua mãe fugiu do marido e daquele barco a que chamavam casa. O lendário aventureiro norueguês viveria os seus dias vogando as ondas e desafiando convenções. Casou-se sete vezes e perdeu misteriosamente duas mulheres. Até que ele próprio morreu num naufrágio.

Volvidas décadas sobre a morte do pai e impelida pela ânsia de conhecer a sua herança, Virginia decidiu empreender a viagem de uma vida: navegando por entre os enigmas de uma história de liberdade, errância e perda, vai reunindo peças espalhadas pelos quatro oceanos.

Da ilha de Bonaire a Porto Rico, passando por Toronto e pela Noruega, esta é uma odisséia familiar para esconjurar o destino, preencher as lacunas e ancorar a identidade. Na tradição de autores como Melville, Defoe ou Baricco, a escritora — também música e cineasta — conduz o leitor numa viagem ao fundo de si.



Vencedor do Prix Révélation Société des Gens de Lettres



Nomeado para os prémios Grand Prix des Lectrices de Elle

★ **Prix du Roman Version Femina** ★ **Prix du Temps Retrouvé**

★ **Prix Jules Rimet** ★ **Prix Stanislas**

«Uma estreia alucinante. [...] Com extrema delicadeza e poucas palavras, esta jovem autora dilacera-nos.»

La Tribune Dimanche



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-527-0



9 789895 483527 0